

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CONFERÊNCIAS. "ASPECTO CIENTIFICO DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DA AMÉRICA", POR FIDELINO DE FIGUEIREDO.**

(sem indicação de autor)

Ano: 1926 | Número: 36

---

### **Como citar este documento:**

(sem indicação de autor), Conferências. "Aspecto científico da colonização portuguesa da América", por Fidelino de Figueiredo. *Revista de Guimarães*, 36 (4) Out.-Dez. 1926, p. 203-205.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Conferências

Sôbre a conferência realizada pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Rui Chianca, no dia 14 de Novembro, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, transcrevemos do «Comércio de Guimarães», de 16 de Novembro, as suas impressões:

«Foi notável, sôbre todos os pontos de vista, a conferência realizada no domingo passado, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento.

Aquela benemérita Associação, que tem trazido a Guimarães uma pleíade de homens notáveis pelo seu saber e conhecimentos, abriu com chave de ouro a série das suas conferências.

O salão, de si majestoso, adornado com arbustos, e iluminado profusamente, oferecia um aspecto encantador, para o que muito contribuía a grande quantidade de senhoras, o que lhes dá sempre uma nota alegre de realce e bom gôsto.

Uma assembleia numerosa e selecta enchia por completo aquela casa.

O conferente foi recebido com uma quente e prolongada salva de palmas.

A sua apresentação é a melhor possível.

Assim o entendeu o público, que o recebeu com carinho e ansioso esperava ouvi-lo.

Em nome da Sociedade M. Sarmento, faz a sua apresentação o coronel Sr. Duarte Amaral.

S. Ex.<sup>a</sup>, lendo, diz-nos quem fâmos ter o prazer de ouvir.

O escritor insigne, o taumaturgo notável e o jornalista distinto, estavam ali, naquele homem, que tam bem tem sabido honrar o nome português.

Sendo dada a palavra ao conferente, a Assembleia saúda-o com uma prolongada salva de palmas.

Rui Chianca, em nome de tôda a colónia portuguesa do Brasil, saúda Martins Sarmento, que diz ser uma glória nacional.

Está ali, representando aqueles que a Portugal o enviaram, e sente-se bem na Pátria de Afonso Henriques, e entre tam selecta quam numerosa assembleia.

Na sua linguagem sã, e ao alcance de todos, fala-nos em nome, salvo êrro, de um milhão de portugueses, que tantos são os que pelem no Brasil.

Vai-nos descrevendo brilhantemente a acção dos mesmos, e o quanto êles têm feito para elevar Portugal e o engrandecer.

A sua palavra quente, persuasiva e enérgica, encanta a Assembleia, que atenta e religiosamente o escutava.

Descreve-nos a acção humanitária, patriótica e benfazeja da Beneficência Portuguesa, que socorre anualmente dois mil doentes, prestando-lhes todos os auxílios morais e medicinais.

Diz-nos ainda quais as instituições que os Portugueses têm fundado no Brasil, acolhendo à sua protecção benfazeja e salvadora os povos de tôdas as nacionalidades.

Não lhes perguntam qual o seu credo ou bandeira: — Exigem-lhes apenas que honrem o nome de Portugal!

Continuando na mesma ordem de ideias, o orador pinta o quadro do emigrante, e cai a fundo e com energia sôbre o engajador e sôbre aqueles que auxiliam a emigração.

Diz-nos o papel que os espera.

Desgraçados, mendigando o pão de cada dia, maldizendo a sorte, voltam à Pátria, exaustos de fôrças, abatidos e desiludidos!

O analfabeto, sobretudo, nunca devia emigrar, diz S. Ex.<sup>a</sup>.

Quando a sorte o protege e Deus o ampara, o mais a que pode aspirar é ser guarda-freio!

Nenhum português, afirma enérgicamente o orador, devia abandonar a Pátria, sem ter contratos firmes, legalizados e produtivos.

Fala-nos ainda, sem ferir susceptibilidades, da desunião em que a política lançou os nossos irmãos do Brasil.

Lutas políticas e fratricidas, que foram aproveitadas pelo estrangeiro e conseguiram até abalar o nosso comércio.

Mas a guerra acordou energias adormecidas, e fêz o milagre redentor da união de todos os portugueses.

E' que em seus corpos pulsava o mesmo peito, e todos, à *outrance*, defenderiam até ao último esforço a bandeira da Pátria. Dessa hora redentora nasceu a *Casa de Portugal* e a grande comissão *Pro Pátria*.

Exorta-nos a pelear com fé e confiança em Deus, para elevar a Pátria, por que tanto se esforçam todos aqueles que, na pessoa de S. Ex.<sup>a</sup>, representam o Portugal útil, produtivo, são e redimido.

O orador termina a sua bela oração, com um hino de fé, enérgico e reconfortante, que impressiona a Assembleia e a electriza.

Esta faz-lhe, no final, uma ovação estrondosa, como raras vezes temos presenciado.

Eram as palmas devidas e merecidas, e era a gratidão dos vimaranenses aos nossos irmãos de além mar, e como que uma união de nossos corações.

Revia ali, naquele momento, a alma nacional!

A Academia, que estava largamente representada, estendeu as suas capas à passagem do orador.

S. Ex.<sup>a</sup> fez-se acompanhar de sua ex.<sup>ma</sup> esposa.

«O Comércio de Guimarães» agradece o convite com que o distinguiram.»

Sôbre a conferência realizada pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, em 4 de Dezembro, subordinada ao título — «Aspecto científico da colonização

portuguesa da América" —, igualmente transcrevemos as impressões do "Comércio de Guimarães" de 7 de Dezembro :

« No sábado passado, pelas 10 horas da noite, tivemos o grato prazer de ouvir, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, um dos primeiros conferencistas portugueses — o Dr. Fidelino de Figueiredo.

Deliciosos momentos passados ouvindo o apreciável homem público, que honrou as tradições nobres daquela casa.

A concorrência, embora mais diminuta que o costume, era numerosa e selecta.

Vimos ali as melhores mentalidades da nossa terra.

Doutores, Professores, Médicos, Juiz de Direito, Militares, Academia, etc., etc.

A alegrar o ambiente, cheio de luz, estavam inúmeras senhoras da nossa terra, que levam sempre à Sociedade M. Sarmento, o seu sorriso gentil, a sua graça donairoza, a sua juventude folgazã.

Tudo nos dispunha bem.

O conferente, que tem uma bela apresentação, dá-nos de comêço a impressão que vamos ouvir um letrado, um sábio e um estudioso.

Num bem burilado discurso faz a apresentação do mesmo o Presidente da Sociedade M. Sarmento, Sr. Coronel Duarte Amaral.

O conferente, que foi recebido com uma quente ovação, falou de Guimarães. Pausada e comovedoramente, disse honrar-se de pisar a terra de Afonso Henriques. Tinha atravessado as suas ruas com comoção e eternecimento. Que ao avistar os nossos campos verdejantes, evocou a História Pátria, recordando que foi ali que se verteu o primeiro sangue português! Guimarães, disse S. Ex.<sup>a</sup>, é a Pátria da Pátria Portuguesa!

Entrou em seguida na sua notável conferência, que não podemos descrever, como seria nosso desejo, porque ocuparíamos espaço de que não dispomos hoje.

O conferente defendeu brilhantemente a tese de que Portugal, na colonização do continente americano, não se limitou à exploração económica, procurando melhorar e tornar mais produtiva essa sua iniciativa.

Rebateu, com argumentos, que Portugal colonizara os domínios americanos com presidiários, escravos e mulheres perdidas.

Refutando insinuações falsas, provou-se-nos o quanto é brilhante a história da cultura científica de Portugal.

A confirmar as suas anotações, citou nomes célebres, que a nossa memória não poderia fixar.

A conferência foi, sobre todos os pontos de vista, um precioso estudo histórico, científico e elucidativo.

No final S. Ex.<sup>a</sup> tirou uma leve resenha dos seus apreciáveis trabalhos, melhor expondo o seu estudo.

E, no meio de aplausos, terminou mais uma noite de prazer espiritual, passada na casa fundada pelo nunca esquecido vimarense Martins Sarmento. »